

A Catedral, o Memorial JK e o Congresso Nacional são os monumentos que os brasilienses mais identificam com a capital.

SÍMBOLOS DE BRASÍLIA

A cara de Brasília depende do ponto de vista do observador.

Nesses 36 anos de fundação, cada parcela da população escolheu um símbolo particular para a cidade. E não é o Palácio do Planalto, a Esplanada dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes, o Catetinho ou o Palácio da Alvorada.

Essa é a conclusão de uma pesquisa feita pela Soma Opinião e Mercado entre os dias 4 e 15 de abril com 457 pessoas, escolhidas de maneira proporcional à distribuição da população no DF.

A margem de erro da pesquisa é de 4,5%, o que deixou tecnicamente empatados em primeiro lugar esses três monumentos.

O Memorial JK (16% dos votos), a Catedral (16%) e o Congresso Nacional (15%) têm em comum uma qualidade que os afasta da visão tradicional de Brasília como uma cidade oficial.

Nenhum deles é ligado ao governo federal, que, ao se mudar do Rio de Janeiro para o Planalto Central, motivou a criação e construção da nova capital.

O Memorial JK, por exemplo, uma homenagem ao fundador da cidade, Juscelino Kubitschek, foi construído em 1981, cinco anos depois da morte do ex-presidente, e a União não contribuiu financeiramente com um tijolo.

O NOVO E O VELHO

O prédio é o monumento mais recente dos considerados a cara de Brasília pelos moradores.

Talvez por unir o novo e o velho — e o velho, em Brasília, tem 40 anos e faz aniversário junto com a posse de JK, em 1956 — os adeptos do Memorial são justamente os adolescentes e os moradores que já passaram dos 40.

O monumento tem 15% da preferência dos jovens de 10 a 15 anos e é considerado o símbolo de Brasília por 19% daqueles com mais de 40 anos.

O Memorial foi escolhido também pelos brasilienses das classes alta e média-alta (24%) e pelos entrevistados que têm o 2º Grau completo (27%).

Enquanto os ricos da cidade se identificam mais com o Memorial, os brasilienses de baixa renda elegeram como símbolo da cidade a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida ou, simplesmente, Catedral.

A Catedral é o retrato de Brasília para 18% da classe média, 15% das classes média-baixa e baixa e 19% dos moradores que estudaram apenas até o 1º Grau.

Já os moradores que têm diploma de curso superior enxergam Brasília no Congresso Nacional, que obteve 15% do total de votos.

Entre os brasilienses que terminaram a universidade, 33% acham o Congresso a cara da cidade.

A pesquisa da Soma não se li-

Claudio Versoni



Entre os símbolos citados na pesquisa, a Catedral, com 16%, se apresenta com um dos mais grandiosos monumentos do conjunto arquitetônico de Niemeyer

mitou a tentar identificar o monumento que simboliza Brasília. Os entrevistados tiveram que escolher, também, o político, vivo ou não, que tem a cara da cidade.

FIDELIDADE A JK

Se fosse uma eleição, o ex-presidente Juscelino Kubitschek ganharia no primeiro turno, com 40% dos votos válidos, muito à frente do segundo colocado, o presidente eleito, mas não empossado, Tancre-

do Neves (4%).

JK vence disparado principalmente entre os moradores com mais de 40 anos (49%), de classe média (50%).

O resultado mais surpreendente dessa pesquisa é o elevado percentual (32%) de pessoas que não quiseram ou não souberam nominar um político como símbolo de Brasília.

Uma segunda pesquisa da Soma, feita entre os dias 8 e 27 de março,

com 1.693 pessoas, também teve resultado diferente do esperado.

Dessa vez, os entrevistados tiveram de definir Brasília com uma única palavra. As classificações positivas como *boa, ótima, linda e tranquila* somaram 41% do total.

As negativas, como *regular, ruim e violenta* somaram apenas 12% das respostas.

A vitória das classificações positivas era aguardado.

O que diferenciou as respostas

das pesquisas semelhantes feitas em outros aniversários da cidade é que desapareceram coisas como *mística, corrupção e solidão*.

Em compensação, apareceram pela primeira vez, ainda que com percentual irrisório, definições como *mal administrada e violenta*.

Brasília se afasta do estereótipo criado em torno dela para se tornar uma cidade real, com problemas e qualidades de uma cidade de seu porte.

PERSONAGENS

Agda chama de Paraíso

Um galho de árvore despencou na cabeça do operário Sebastião Duarte, 38 anos, durante o desmatamento de um trecho de cerrado que seria asfaltado, na Asa Norte, e acabou com seu sonho de trazer a família de Uberlândia-MG para Brasília.

Era 1974.

Sebastião morreu no Hospital de Base e a família veio para Brasília mesmo assim.

Inclusive a filha caçula, Agda, nascida em Brasília por acaso um ano antes da morte do pai.

Agda, hoje, mora em Taguatinga e trabalha como frentista em um posto de gasolina no Setor de Indústrias Gráficas. E adora Brasília, que define com uma palavra: "Paraíso".

Para ela, o símbolo da cidade é o Congresso Nacional. "Está para Brasília como o Cristo Redentor está para o Rio de Janeiro", compara.

"Niemeyer é a cara daqui"

Existem brasilienses até do outro lado do mundo. É o caso do comerciante Jorge Tashiro, 29 anos, neto de japoneses, filho de paulista e pai de dois pequenos brasilienses de olhos puxados.

Jorge nasceu em Brasília e é dono de um mercado de frutas e verduras na quadra 113 Sul.

Assim como Agda, não troca Brasília por lugar nenhum do mundo.

"Já morei dois anos no Japão e não gostei", diz.

Assim como Agda, que prefere Tancredo Neves, Jorge foge à regra de considerar Juscelino Kubitschek a cara de Brasília.

"O Oscar Niemeyer é a cara daqui", diz, se referindo ao arquiteto que ajudou a dar forma à cidade.

Jorge Tashiro volta a fazer as honras ao fundador da cidade ao classificar o Memorial JK como o monumento mais representativo de Brasília.

